O MÉTODO DECISÓRIO NA ORGANIZAÇÃO BAKUNINISTA

RICARDO RAMOS RUGAI*

RESUMO

O artigo examina o método de decisão por maioria utilizado pela Aliança da Democracia Socialista, partido revolucionário fundado por Bakunin que constituiu historicamente a primeira organização especificamente anarquista. O texto examina o sentido desse método que privilegiava a unidade de ação coletiva, procurando contextualiza-lo dentro da estratégia revolucionária e do conceito de liberdade bakuninista.

PALAVRAS-CHAVE:

Bakunin – Anarquismo – Partido – Método - Liberdade

Introdução

Imagine que sobre uma questão qualquer uma decisão precisa ser tomada coletivamente. Não há consenso e se decide pelo voto da maioria. Alguns indivíduos discordam. Todavia, devem não apenas acatar tal decisão como também contribuir na prática para implementá-la.

Para muitos isso resumiria um método de decisão profundamente autoritário que obriga os indivíduos contrariados a submeterem suas vontades à "ditadura" do coletivo. Tal atitude, elevada à condição de método de organização era peça fundamental no "centralismo democrático", formulado conceitualmente por Lênin em *Que Fazer* (1902) e outros textos.

Assim, associado ao leninismo, o método decisório que obriga a minoria a acatar a decisão da maioria parece ser a própria antítese do anarquismo, tido e havido por muitos como o bastião da liberdade individual e da insubmissão contra qualquer autoridade coletiva opressora.

Todavia, a questão aparentemente tão simples do método decisório condensa uma série de convicções a respeito do anarquismo compartilhadas pelo cidadão comum, pelos acadêmicos, pela esquerda e por boa parte dos simpatizantes, militantes ou estudiosos do próprio anarquismo. A noção de que o anarquismo seria atavicamente contrário às decisões por maioria se coaduna perfeitamente com outro lugar-comum: o anarquismo é avesso a toda e qualquer forma de partido político. Tais consensos constituem uma espécie de *wishful thinking* a respeito dos elementos constitutivos do anarquismo. Mais do que isso, nas penas e mentes de muitos servem como parâmetros para delimitar as fronteiras que incluem e excluem do próprio anarquismo.

---

* Professor da Faculdade de Educação Ciências e Letras Don Domênico, Doutor em História Econômica pela FFLCH-USP e autor de *Um Partido Anarquista*: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU. São Paulo: Ascaso, 2012.

No entanto, algo escrito por um russo nascido há duzentos destrói essas ideias que pareciam tão bem acomodadas a respeito do método decisório libertário. No breve estatuto da Aliança da Democracia Socialista, o partido de Bakunin, consta no 8º artigo que:

> Existirá uma perfeita solidariedade entre todos os membros aliados, de tal maneira que os acordos decididos pela maioria dos aliados serão obrigatórios para todos os demais, sacrificando-se sempre em benefício da unidade de ação, as apreciações particulares que puderem existir entre os membros.[1]

Estatuto? De um Partido clandestino de vanguarda? Acordos "obrigatórios"? Sacrifícios das apreciações particulares? Talvez esse Bakunin não fosse tão "anarquista" quanto muitos pensavam... Será que o russo antecipou o "centralismo democrático" em 40 anos? Era um proto-leninista? Ironias à parte esse trecho do estatuto da Aliança choca-se com a imagem consagrada de Bakunin, ainda predominante na academia e na esquerda em geral, que ignora solenemente sua concepção de partido revolucionário. Mesmo no campo libertário os escritos do anarquista russo são em sua maioria desconhecidos, seja pela ausência de traduções e difusão seja pelas inúmeras edições fragmentárias e seletivas de seus textos. Assim, no que se refere à figura mais emblemática do anarquismo, aquele que é reivindicado por todas as correntes do anarquismo, fala-se do "santo", mas não dos "milagres".

A Aliança e a Internacional na concepção de organização bakuninista

Nesse quadro, antes de retomar o tema do método decisório é importante abordar a concepção organizativa de Bakunin na qual se estabeleciam diferentes níveis de atuação, em linhas gerais: um nível público, social, de massas e outro clandestino[2], político, de vanguarda[3]. Sem levar em conta tal distinção, grande parte dos estudiosos e militantes enxergou apenas um dos prismas do bakuninismo e, ao generalizar um de seus aspectos particulares tornando-o absoluto, implicitamente expurgaram outros. Dessa forma, podem ser encontrados na obra de Bakunin escritos que exaltam a espontaneidade e textos que defendem a necessidade de disciplina e unidade de ação. O que aparentemente pode parecer uma contradição ganha sentido quando os diferentes níveis organizativos propostos pelo russo são levados em conta. Na prática, ele concebia a Internacional como uma organização socialista e revolucionária de massas, ou seja, capaz de abrigar em seu seio um grande número de pessoas; para isso, não deveria professar princípios políticos, filosóficos ou antirreligiosos de maneira ostensiva:

---

[1] NETTLAU, Max. *Miguel Bakunin, la Internacional y la Alianza en España*, 1868-1973. Madri: La Piqueta, 1977. p. 63. Grifo nosso.

[2] Vale recordar que um dos motivos alegados pelo Conselho Geral da AIT quando se decide pela expulsão de Bakunin era a manutenção de uma organização clandestina no seio da Internacional, descumprindo o acordo de autodissolução aceito no ingresso dos bakuninista em 1868. Ver NETTLAU, p. 85-115 e TRAGTEMBERG.

[3] O termo "vanguarda", rejeitado por grande parcela do meio libertário de hoje, era utilizado pelo próprio Bakunin.

> [...] a Internacional é um espaço sumamente favorável e necessário para a organização revolucionária, mas não é a organização revolucionária em si. A Internacional admite em seu seio, sem distinção de crenças políticas e religiosas, a todos os trabalhadores honrados com a única condição de que aceitem, com todas as suas consequências, a solidariedade na luta dos trabalhadores contra o capital burguês, explorador do trabalho. Esta é uma condição suficiente para separar o mundo dos trabalhadores do mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro desses mundos uma orientação revolucionária. Os fundadores da Associação Internacional procederam com suma sabedoria ao eliminar desde o primeiro momento da Associação todos os assuntos políticos e religiosos. Não há dúvida nenhuma de que não careciam de opiniões políticas e antirreligiosas bem definidas, mas se abstiveram de incluí-las no programa, pois sua finalidade principal estava antes de tudo em reunir as massas operárias de todo o mundo civilizado dentro de uma ação comum.
>
> Necessariamente tiveram que buscar uma base comum, uma série de princípios simples a respeito dos quais todos os operários - fossem quais fossem suas ideias políticas e religiosas, com tanto que se tratasse de operários sérios, quer dizer, de homens duramente explorados e sofredores - estivessem de acordo. Se houvessem desfraldado a bandeira de algum sistema político ou antirreligioso, longe de reunir a todos os operários da Europa, os dividiriam mais ainda. Se por acaso a simples palavra ateísmo houvesse sido incluída no estandarte da Internacional haveria podido a Associação reunir em seu seio sequer duas centenas de aderentes? Todo mundo sabe que não. E não porque o povo seja realmente religioso, e sim porque acredita sê-lo, e haverá de seguir acreditando enquanto uma boa revolução social não lhe proporcionar meios para acabar com estas aspirações ilusórias.[4]

Algumas passagens desse texto causam ainda hoje estranheza àqueles que se acostumaram a ver Bakunin como um defensor intransigente do ateísmo. Entretanto, a rejeição desse princípio no âmbito da Internacional exemplifica uma das questões que só podem ser compreendidas levando-se em conta o conjunto de sua concepção, pois, para ele, o caráter da Internacional deveria permitir uma pluralidade de correntes políticas. Portanto, a Internacional, não seria um partido com princípios políticos e religiosos estritos e obrigatórios, o que, segundo Bakunin, afastaria as massas do seu interior e limitaria sua influência. Por outro lado, também não se limitaria a atuar como um "sindicato"[5], preocupado somente com as questões econômicas imediatas, uma vez que se definia como socialista e revolucionária. Na concepção do russo, a Internacional seria uma organização combativa de massas, embora ele não a considerasse suficiente para impulsionar uma revolução, pois

> A Internacional prepara os componentes da organização revolucionária, mas não a organização revolucionária em si. Ela os prepara para a luta pública e legal dos trabalhadores solidários de todos os países contra os exploradores do trabalho - capitalistas, proprietários e empresários industriais - mas nunca vai mais além. A única coisa que faz fora esta obra, por si só tão útil, é a propaganda teórica das ideias socialistas entre as massas operárias, o que é uma obra igualmente muito útil e muito necessária para a preparação da revolução das massas.[6]

---

[4] BAKUNIN, Mikhail. *Escrito contra Marx*: conflitos na Internacional. Brasília: Novos Tempos, 1989. p. 59-60.
[5] O termo não era usual na época.
[6] MUÑOZ, François. *Bakunin:* antologia. Montevidéu: Recortes, 1986. p. 42.

Assim, Bakunin entendia que a Internacional tinha seus limites e deveria ser impulsionada por uma minoria organizada em partido - a Aliança da Democracia Socialista:

> A Aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os estados; a outra, a Aliança, - tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o tomamos com toda a seriedade que exige o caso, contém em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional.[7]

Quanto ao caráter da Aliança expresso nos textos de Bakunin, é interessante notar que ela desmente uma série de apreciações sobre o anarquismo que se tornaram senso comum, como a disposição antiorganizativa. E não se trata apenas da "visão popular" em relação ao anarquismo, uma vez que muitos textos acadêmicos estão permeados por esse viés, mesmo que de uma forma mais sutil. A própria palavra anarquia era pouco utilizada e algumas vezes o próprio Bakunin usou o termo com conotação negativa:

> Não pensem que eu estou advogando em prol da anarquia absoluta nos movimentos populares. Uma anarquia como essa não seria nada mais que a completa ausência de pensamento, de finalidade e de conduta comum, e necessariamente haveria de desembocar em uma impotência geral. Tudo o que existe, tudo que é viável se produz dentro de certa ordem, que lhe é inerente e que demonstra o que há em si.[8]

É notável a contradição entre estas e outras passagens de Bakunin e o modo "anárquico" como ele é rotineiramente apresentado. Nas questões relativas à organização política - a Aliança - essa contradição é particularmente flagrante:

> O que devem fazer agora as autoridades revolucionárias? Que devem fazer para estender e organizar a revolução? Não devem fazer a revolução por decreto, não devem impô-la às massas. Devem provocá-la nas massas. Não devem impor às massas uma organização, seja qual for, mas sim promover sua organização autônoma de baixo para cima, devem trabalhar em silêncio, com ajuda da influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e influentes de cada localidade, a fim de que esta organização se adeque, na maior medida possível, a nossos princípios. Nisso reside todo o segredo de nosso triunfo.[9]

A Aliança criada por Bakunin e seus companheiros era uma organização, um "partido"[10], nas palavras do russo, que atuava no interior da Internacional.[11] Sua existência é ignorada por muitos

---

[7] Ibid., p. 44.
[8] Ibid., p. 48.
[9] BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo y Anarquia*. In: _____. *Obras Completas*. Madri: La Piqueta, 1977. p. 122.
[10] "Nós, bem ou mal, conseguimos formar um pequeno partido; pequeno em relação ao número de pessoas que aderiu a ele com conhecimento de causa, mas imenso com respeito a seus aderentes instintivos, a estas massas populares cujas

estudiosos do próprio socialismo e menosprezada por expressiva parcela dos anarquistas que tenderam a minimizar sua importância histórica e caracterizá-la como algo marginal ou menor nas ideias e práticas do russo. Isso contribui para uma série de confusões quando se relacionam as propostas anarquistas para a organização de massa e de vanguarda.

Um episódio ocorrido em 1868 ilustra claramente essa distinção organizativa. O italiano Giuseppe Fanelli, membro da Aliança da Democracia Socialista e da Internacional, viajou até a Espanha com uma tripla missão: primeiro, dinamizar a fundação de uma seção da Internacional, o que de fato fez; depois, formar no interior desta uma seção da Aliança que trabalhasse com a orientação revolucionária bakuninista e, finalmente, providenciar fundos para o movimento através de uma ação ilegal. Tratava-se concretamente da expropriação de um banco em Madri, tarefa "interna" determinada pela Aliança e que Fanelli não concretizou.[12] No entanto, essa não foi a única tarefa frustrada, pois as duas primeiras também não saíram conforme o previsto:

> [...] Bakunin conservou essa mesma impressão, que Fanelli havia confundido a Aliança com a Internacional [...] escreveu na primavera de 1872: 'Ao ajudar-nos a colocar os primeiros cimentos tanto da A. (AIT) como da Y. (Aliança) [...] ele cometeu uma falha de organização da qual sentimos agora os efeitos. Confundiu a Internacional com a Aliança e por isso convidou os amigos de 3521 [Madri] para fundar a Internacional com o Programa da Aliança. A princípio isso poderia parecer um grande triunfo; mas na realidade, se converteu em causa de confusão e de desorganização, tanto para uma como para a outra.[13]

O que Fanelli fez na realidade foi criar uma seção da Internacional que continha os princípios básicos da Aliança. Na avaliação de Bakunin, esse "erro" de Fanelli teve consequências políticas, tanto nos conflitos da 1ª Internacional, quanto no desenrolar do movimento libertário espanhol. Na verdade, estabeleceu-se uma verdadeira confusão de níveis, pois, ao contrário do que pensava Bakunin, o que surgiu na Espanha estava bem distante de uma organização secreta, adquirindo um caráter público e de massas. Todavia, o que interessa no episódio é a demonstração inequívoca do perfil de organização bakuninista e de sua distinção nítida em relação à Internacional, o que fica evidente a partir das críticas do russo a Fanelli.

A questão do método decisório não é meramente "técnica" e só pode ser compreendida no quadro mais amplo dos objetivos, da estratégia e da organização de determinado agrupamento político. Sem considerar estes elementos qualquer discussão sobre a pertinência ou não da minoria acatar decisões majoritárias é um exercício vazio e sem sentido.

---

necessidades representamos melhor que qualquer outro partido". BAKUNIN, op. cit., p. 121. Esta concepção de partido não supunha a participação em eleições nem a disputa pelo poder do Estado.

[11] Nesse caso trata-se da 1ª Internacional e não da Internacional antiautoritária, fundada em Saint-Imier, a qual aderiram os internacionalistas uruguaios.

[12] NETTLAU, Max, op. cit., p. 22.

[13] Ibid., p. 30.

No caso da Aliança da Democracia Socialista sua principal finalidade era impulsionar a transformação revolucionária da sociedade capitalista. Os militantes bakuninistas entendiam que era absolutamente impossível viver livremente numa sociedade cujos fundamentos eram a exploração do Capital e a opressão do Estado. A verdadeira liberdade, portanto, era um objetivo que exigia uma estratégia para ser alcançado.

Os que rejeitam as decisões por maioria entendendo que assim estariam "abrindo mão de sua liberdade" como se a atitude traduzisse uma perda agem como se a liberdade existisse de fato e um organismo coletivo quitasse uma parcela dessa liberdade.

Ora, nada mais distante do pensamento de Bakunin e de sua concepção de liberdade, para o russo "não é no passado, nem no presente que devemos buscar a liberdade das massas, é no futuro [...]"[14]. A ideia de uma liberdade pré-existente a ser preservada – como propriedade privada do indivíduo - contra a opressão da sociedade foi duramente atacada por Bakunin por sua raiz liberal, particularmente o contratualismo rousseauniano. Para o revolucionário russo "antes de nós nunca houve livre-contrato [...] O homem não cria voluntariamente a sociedade: ele nasce involuntariamente nela [...]"[15]. Não há, portanto, ato voluntário ou livre na instituição da Sociedade Civil que teria deixado para trás o Estado de Natureza, essa concepção liberal não passa de uma idealização rejeitada pelo materialismo de Bakunin. A liberdade é uma meta não uma realidade e a submissão à decisão da maioria num partido revolucionário é condição para a realização da liberdade no futuro, jamais sua negação, afinal "[...] essa liberdade só é possível na igualdade [...]"[16].

Nesse quadro fica mais evidente a função da Aliança e da unidade de ação preconizada por ela. Concretamente, a Aliança buscava dirigir uma organização de massas[17] - a Internacional - e secundariamente obter recursos por meio de ações ilegais. Para alcançar tais objetivos a Aliança conformou-se como um partido clandestino, de vanguarda, com ingresso seletivo de militantes e unidade de ação, o que por sua vez implicava no método decisório já descrito. Em tal quadro, seus militantes estavam dispostos e submeter-se conscientemente à decisão da maioria, mesmo que contrariando sua posição individual. É preciso considerar que essa disposição ocorria nos marcos de afinidade prévia com os objetivos e princípios de um partido. Entendia-se que era preferível renunciar a uma posição individual em certo momento do que abrir mão da luta por um objetivo maior, seja abandonando a organização seja boicotando a unidade de ação coletiva.

Outro ponto é que a probabilidade de que a tomada de decisão seja por maioria ou por consenso está estreitamente relacionada aos objetivos e estratégia da organização. Assim, uma organização

---

[14] BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. São Paulo: Luta Libertária, 2002. p. 31.
[15] Ibid., p. 31-32.
[16] Ibid., p. 33.
[17] "[...] devemos fomentar, despertar, desprender todas as paixões, devemos produzir a anarquia, e, pilotos invisíveis no meio da tempestade popular, devemos dirigi-la, não com um poder ostensível, mas pela ditadura coletiva de todos os aliados [...]". BAKUNIN, Mikhail, op. cit., p. 58.

envolvida numa atuação prática, sob pressão dos acontecimentos, tem uma demanda por decisões de urgência com frequência muito maior do que outra menos conectada com a prática cotidiana. Em suma, quanto maior a frequência e urgência das decisões menor a possibilidade de amadurecimento do debate e de formação de consenso.

Todavia, não se trata apenas de ter mais ou menos tempo para decidir. A busca pelo consenso está relacionada ao receio da opressão às minorias que seriam "uniformizadas" pelo voto de maioria e, na verdade, espera-se que a unanimidade possa ser alcançada com mais tempo de discussão. Porém, a divergência pode persistir mesmo com tempo hábil para formação de um consenso.

De fato, a decisão por maioria não foi inventada por Lênin nem por Bakunin. É uma prática quase instintiva em agrupamentos que se pautam pela igualdade, nos quais nenhum indivíduo tem o poder de impor sua decisão de forma hierárquica. É, sobretudo, uma orientação em coletivos envolvidos em ações práticas nas quais é reconhecida a necessidade de preservar a unidade e a força coletiva.

O comunismo anarquista e uma nova perspectiva organizativa

Assim como o método decisório por maioria encontra seu sentido no quadro mais amplo da estratégia e forma de organização bakuninista a rejeição do mesmo método pode ser compreendida num contexto de mudança estratégica e organizativa no qual a unidade de ação e as decisões cotidianas inerentes tornaram-se menos relevantes.

Cabe a esta altura uma breve digressão sobre as correntes anarquistas que derivaram das transformações ocorridas no anarquismo em meados da década de 1870, quando o bakuninismo é sucedido pelo comunismo anarquista, pois a substancial guinada teórica e estratégica que se deu nesse período implicou em novas formas organizativas.

A derrota da Comuna de Paris, a crise e cisão da AIT impactaram intensamente o movimento operário, inclusive a ala socialista "antiautoritária" de inspiração bakuninista. Ao longo da década de 1870 um intenso debate realizou a crítica do bakuninismo, conformando progressivamente, a partir de seu interior, a corrente que ficaria conhecida como comunista anarquista ou "anarco-comunista".[18]

Mudanças relevantes ocorrem na estratégia de transformação social. A concepção bakuninista era a de um partido anarquista clandestino, a *Aliança da Democracia Socialista*, atuando como agente organizador, uma vanguarda dentro do movimento de massas, procurando trazer os elementos mais

[18] Nesse caso, criticou-se o "milagre" e preservou-se o "santo", uma vez que o abandono da estratégia, das táticas e formas organizativas do bakuninismo não implicou na crítica à figura do anarquista russo, que permaneceu admirado e considerado uma espécie de "pai" pela primeira geração anarco-comunista, que aderiu ao socialismo libertário em contato direto com ele. Todavia, a reivindicação de Bakunin não deve obscurecer importantes rupturas operadas por parte dos anarco-comunistas, ainda que as continuidades também sejam notáveis. Cf. MALATESTA, E.; FABRRI, L. Introdução. In: _____. *Anarco Comunismo Italiano*. São Paulo: Luta Libertária, 2003. p. 12-13.

avançados para a organização secreta. Não havia propaganda anarquista aberta ou movimento anarquista, mas apenas uma minoria ativa e clandestina.[19] Todavia, em 1877 o militante Andrea Costa[20], pertencente à ala libertária que conformaria o anarco comunismo, escreveu que

> [...] por intermédio da conspiração pode-se alcançar uma mudança de forma de governo; pode-se, também, eliminar um princípio e substitui-lo por outro, porém desse modo não é possível realizar a revolução social [...] Para leva-la a cabo é necessário difundir amplamente os novos princípios entre a massa popular, ou melhor dizendo, reaviva-los em seu espírito, porque se encontram latentes por instinto, e organizar os trabalhadores e todo mundo de modo que a revolução se produza por si mesma, de baixo para cima, e não ao contrário, pelo império de leis e decretos, quando se termina por recorrer à força. E isso exige inevitavelmente publicidade, já que não se pode imaginar uma propaganda de tão vasto alcance no círculo forçosamente restrito de uma conspiração.[21]

Assim, após a ressaca da Comuna de Paris e o fim da AIT os anarquistas de origem bakuninista concluíram que uma massa inconsciente nunca faria a revolução. Portanto, não bastaria um partido dirigente clandestino; pelo contrário, a organização deveria ser pública para empreender uma forte propaganda conscientizadora Assim, a organização concebida em nada se assemelharia às "sociedades secretas" dos tempos de Bakunin. Ao contrário do russo para quem "não se deve ilustrar o povo, mas conduzi-lo à revolta", Malatesta afirmava que "nosso primeiro dever consiste, pois, em persuadir as pessoas" [22] e Reclus era mais enfático ainda ao afirmar que:

> Já é tempo de empregar unicamente forçar conscientes; os evolucionistas, chegando enfim ao perfeito conhecimento do que pretendem realizar na próxima revolução, têm outra coisa a fazer do que se amotinar descontentes, lançando-os na refrega sem fim nem bússola [...] não imagine resolver a menor questão pelo acaso das balas. É nas cabeças e nos corações que as transformações têm que se realizar antes de tenderem os músculos e de mudarem em fenômenos históricos.[23]

De forma geral, o que unifica todos os anarco-comunistas é a valorização da propaganda conscientizadora como a estratégia fundamental. Termos com convencimento, persuasão, conscientização, ilustração e educação foram utilizados constantemente pelos anarco-comunistas. Esta estratégia ganhou vida através de várias táticas: edição de livros, publicação de periódicos, realização de cursos, abertura de centros de cultura e promoção de conferências públicas. De todas as formas se procurava difundir amplamente o "ideal anarquista", termo que passou a ser cada vez mais frequente na literatura anarquista comunista.[24]

---

[19] Ibid., p. 12-13.

[20] Andrea Costa (Ímola, 30 de novembro de 1851 — 19 de janeiro de 1910) foi um militante socialista italiano. Cofundador do *Partito dei Lavoratori Italiani* em 1892, após ter renunciado aos seus princípios anarquistas em 1879. Foi prefeito de Ímola e representante no Parlamento Italiano. O terceiro nome do futuro ditador fascista Benito Amilcare Andrea Mussolini foi dado pelo pai em homenagem a Andrea Costa.

[21] MALATESTA, E.; FABRRI, L., op. cit., p. 15.

[22] Ibid., p. 16.

[23] Ibid., p. 17-18.

[24] Ibid., p. 22.

Nesse contexto, a organização deixou de ser algo estratégico para a maioria dos anarco-comunistas, pois somente na medida em que viabilizasse a estratégia da propaganda ela era necessária. Caso contrário, se a estratégia propagandista pudesse se realizar através de um pequeno grupo que editasse livros e periódicos, de um centro de cultura ou mesmo pela formação de um ambiente intelectual de debate acadêmico a organização tornava-se desnecessária.[25] Assim, dentro do anarco-comunismo cabiam desde anarquistas individualistas até anarquistas que defendiam a construção de organizações partidárias para levar adiante a estratégia.

Além disso, num contexto intelectual no qual os conceitos de evolução e de espontaneidade eram muito presentes, a idéia de se organizar para alcançar objetivos invariavelmente era vista como um artifício que poderia violar a evolução natural da sociedade, redundando em imposições autoritárias.[26] Tem-se, portanto, entre os anarco-comunistas distintos níveis de valorização quanto à importância da organização. Desde as décadas finais do século XIX o debate sobre a "questão da organização" seria uma constante nos meios anarquistas e os escritos de Malatesta[27] testemunham a polêmica sobre a organização ocupou espaço, muitas vezes limitando-se à pueril questão: se organizar ou não?

A ideia de que a principal tarefa do anarquismo residia na propaganda e na conscientização distanciou os agrupamentos libertários da ação cotidiana organizadora, que exigia decisões mais urgentes e contribuiu para que as decisões por maioria fossem substituídas pela busca do consenso.

Porém, algo mais profundo iria se contrapor ao método decisório bakuninista e se arraigar no anarquismo a partir de então: a ideia de que o verdadeiro anarquista jamais se submete a qualquer autoridade que seja, nem mesmo às maiorias internas de um agrupamento anarquista. Essa ideia se vincula à convicção de que a liberdade individual não deve ter nenhum tipo de limite e que a sua limitação em nome de uma liberdade futura seria uma contradição entre meios e fins.

Além disso, o comunismo anarquista, especialmente aquele ligado a Kropotkin e Reclus, supõe uma espécie de harmonia natural da sociedade, impedida de se manifestar devido à existência de instituições artificiais como o Estado e a propriedade privada. A difusão do conhecimento por meio da propaganda e da educação contribuiria para que isso fosse compreendido pela sociedade que dessa forma promoveria as transformações necessárias de forma progressiva. Ora, se a difusão das luzes era o elemento central para mudar a sociedade porque não seria possível, entre os anarquistas que promoviam essa mesmo difusão, utilizar a razão para chegar a consensos sobre qualquer tema? E assim, a razão substituía a imposição, da mesma forma que o povo consciente substituiria a turba encolerizada levada à ação pelos instintos.

---

[25] Ibid., p. 23.

[26] Malatesta criticaria o anarco-comunismo de Kropotkin em mais de uma ocasião pelo seu pretenso cientificismo associado a um evolucionismo espontaneístas que minimizava o papel da organização e do voluntarismo. Essas críticas foram bem resumidas em MALATESTA, E. Pedro Kropotkin: recuerdos y críticas de um viejo amigo. In: RICHARDS, Vernon. Malatesta: vida e ideas. Barcelona: Tusquets, 1977.

[27] Diversos artigos, sobretudo no final do século XIX, reiteram essa preocupação como *Organização* I e II.

Conclusão

O exame do método decisório permite que a partir de um tema aparentemente menor se perceba o grau de ruptura entre o bakuninismo e comunismo anarquista. A decisão por maioria não desapareceu do anarquismo e foi até mesmo retomada e defendida por muitos durante o século XX. Os princípios e estratégias das duas correntes, aqui apresentadas de forma esquemática, na realidade conviveram e se mesclaram no anarquismo, muitas vezes de forma contraditória e conflitante. Em diversas ocasiões a necessidade forçou a tomada de decisão por maioria, em algumas delas decidia-se com pesar, como quem recorre a um método indesejado e distante do ideal.

Seja como for, a análise deste tema ressalta que a decisão por maioria não é de forma alguma estranha ao anarquismo e que, além disso, foi o seu método decisório pioneiro. O bakuninismo evidencia um tipo de organização que, embora clandestina, voltava-se para fora, para atuar na sociedade. Paradoxalmente, parte dos grupos de inspiração anarco-comunista, ainda que fossem públicos e dedicados à propaganda e à educação, começaram a pensar o anarquismo com algo a ser vivenciado internamente, como uma experiência comportamental e de sociabilidade restrita aos membros.[28]

De certa forma, aceitar o voto da maioria como critério é reconhecer a possibilidade da divergência e do desacordo sem que isso signifique ruptura da unidade. Por outro lado, a obrigatoriedade do consenso como método decisório muitas vezes acarreta a renúncia voluntária de militantes minoritários à opinião divergente, o que produz uma unanimidade forçada e uniformizante que se mostra incapaz de lidar com a diversidade. Em outros casos, as divergências produzem a fragmentação de grupos que, incapazes de conviver internamente com as diferença, renunciam à unidade de ação e à maior incidência social.

Resulta daí que muitos desses grupos anarquistas tornam-se cada vez mais ensimesmados e incapazes de estabelecer relações com as pessoas comuns e atuar socialmente. Como num círculo vicioso, o grupo consolida um conjunto de valores e um linguagem particular que o torna progressivamente incapaz de dialogar com a sociedade. Em 1986 o *Le Monde* ironizava os revolucionários dos anos 60 dizendo que "Em Maio de 68, refez-se o mundo. Em Maio de 1986, reforma-se a cozinha"[29], demarcando o trajeto do espaço público ao refúgio do espaço privado. Algo similar ocorre quando o grupo deixa de ser um meio para a transformação social e torna-se um fim em si mesmo, um espaço de sociabilidade onde se compartilham valores comuns. Para muitos é preferível reinar na confortável reclusão da cozinha do que sair às ruas e lidar com as dificuldades de construir uma unidade em meio às contradições da vida social e a escolha do método decisório está diretamente relacionada a essa opção.

---

[28] FABBRI, Luigi. Influências burguesas no anarquismo. 1880. Disponível em: http://www.kclibertaria.comyr.com/lpdf/l058.pdf Acesso em: 30/06/2014.
[29] Apud VIOTTI, Emília. A dialética invertida. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 9-26, 1994.

Bibliografia

BAKUNIN, Mikhail. *Escrito contra Marx*: conflitos na Internacional. Brasília: Novos Tempos, 1989.

_____. *Socialismo e Liberdade*. São Paulo: Luta Libertária, 2002.

_____. *Estatismo y Anarquia*. In: _____. *Obras Completas*. Madri: La Piqueta, 1977.

BONOMO, Alex Buzeli. *O Anarquismo em São Paulo:* as razões do declínio (1920-1935). 2007. 451 f. Dissertação (Mestrado em História). PUC, São Paulo.

_____. Bakunin (manuscrito inédito fornecido pelo autor). São Paulo, s/d.

FABBRI, Luigi. Influências burguesas no anarquismo. 1880. Disponível em: <http://www.kclibertaria.comyr.com/lpdf/l058.pdf> Acesso em: 30/06/2014

GUILLAUME, James. *L'Internationale*: documents e souvernirs (1864-1878). 3 V. Paris: Société nouvelle de librairie et d'édition, 1905.

_____. *A Internacional*: documentos e recordações. V. I. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2009.

MALATESTA, E.; FABRRI, L. Introdução. In: _____. Anarco Comunismo Italiano. São Paulo: Luta Libertária, 2003.

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Brasília: Novos Tempos, 1989.

MUÑOZ, François. *Bakunin:* antologia. Montevidéu: Recortes, 1986.

NETTLAU, Max. *Miguel Bakunin, la Internacional y la Alianza en España*, 1868-1973. Madri: La Piqueta, 1977.

RICHARDS, Vernon. Malatesta: vida e ideas. Barcelona: Tusquets, 1977.

RUGAI, Ricardo Ramos. *O Anarquismo Organizado*: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguaia, 1952-1964. 2003. 315 f. Dissertação (Mestrado em História) IFCH-UNICAMP, Campinas.

_____. *O socialismo como crítica da Economia Política:* as questões econômicas na obra de Proudhon (1838-1847). 2011. 347 f. Tese (Doutorado em História Econômica) FLCH-USP, São Paulo. p. 309-324.

_____. *Um Partido Anarquista*: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU. São Paulo: Ascaso, 2012.

TRAGTEMBERG, Maurício. Marx/Bakunin. *Nova Escrita Ensaio*, São Paulo, Ano V, nº 11/12, p. 279-299, 1983.

VIOTTI, Emília. A dialética invertida. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 9-26, 1994.